

REVISTA OLORUN, n. 40, julho de 2016

ISSN 2358-3320 – www.olorun.com.br

ESCLARECIMENTOS DE OLOYE EDU OBADUGBE AFOLAGBADE



Maio de 2014

Perfil no Facebook:

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100008351142362>

INTRODUÇÃO DE BABA OSVALDO OMOTOBATALA

A intenção deste texto é registrar algumas falas Oloye Edu Obadugbe Afolagbade, no Facebook, publicadas em meu perfil.

Os textos foram ditados pelo Oloye Edu e escritos na internet por sua neta Luísa Adunké, conforme esclarece abaixo:

Muito ase e prosperidade para todos. Vou fazer um esclarecimento, pode seja importante, tal vez seja não, mas é o pedido do dono do perfil.

Eu sou neta do Oloye Edu Obadugbe Afolagbade, meu nome é Luísa Adunké, sou quem escreve em nome do meu avô, pois ele não se leva bem com computador, mas sempre esta sentado ao meu lado e dita para mim o que ele vai dizer quando abro seu facebook.

Espero não importunar a ninguém e ser uma boa intermediaria entre vocês e ele. Mas saibam que o único que eu faço é escrever o que meu Avô diz e leio para ele o que os senhores escrevem. Obrigada.

Continua agora com a fala de Oloye Edu.

OS NAGÔS



Também chamados de "anagos", é um grupo ioruba que sempre foi autônomo dos outros reinados (Oyó, Ifé, Dahomê, etc).

A nação Nago divide-se em outros grupos que também são nagôs: Were, Ifonyin, Ipokia, Itakete, Ochori, Ikolaje, Ohumbo. Cada um deles fala um dialeto nagô com variações. O território Nagô está dentro da Rep do Benim.

A religião nagô é o culto aos Orixá ou Erunmale “**sem babalawo**”.

Enquanto aos "lados", acontece que aqui, na terra nagô, não somente os nagôs fazem culto aos Orixá, também pessoas d' outras etnias são iniciadas para Orixá como se faz no Brasil, pois ninguém vai perguntando a raça ou nação do outro para lhe "fazer santo".

Acho que o conceito de "lado" pode se tratar d'uma ligação entre a nação originaria do fundador da linhagem e a nação de Orixá que faz. Por exemplo, um homem originário de Oyó, iniciado no culto aos Orixá da região Egba, seus filhos no Brasil poderiam dizer:

"Meu baba era Oyó-egba", mas aqui temos um "lado" falso, pois o homem de certo faz egba puro.

No Brasil tem o conceito errado de acreditar que, o que foi o país de Dahomê é tudo jeje ou vodum. Daí dizem também "jeje" para os nagôs, nascendo os lados como "Jeje Oyó" quando um descendente de escravos da nação Oyó fazia culto aos Orixá que vieram da terra de Dahomê (Rep do Benim).

Tem também a mistura de nação de Orixá quando alguém passa para outra nação e aí gera um "lado" verdadeiro.

Os "lados" não são "nações" pois tem mistura entre duas ou mais, e a mistura vem daquele que passa duma nação para outra, então bem pode se dizer que o "lado" foi criado pelo fundador d'uma linhagem.

A RASPAGEM

Antes de falar das iniciações "com ou sem" raspar a cabeça em Orixá, é preciso primeiro entender o motivo. O ritual de raspar na cultura ioruba é feito em dois ritos de passagem: O Nascimento e Morte.

Quando uma criança nasce, aos sete, oito ou nove dias deve passar pelo ritual da "cerimônia do nome" e "pisar o mundo" (isomoloruko ati esentaiye), sua cabeça então é raspada para receber o novo nome, odu, eewo, e direção para sua vida, no que vem sendo uma iniciação à vida. Mas, algumas crianças não têm necessidade de serem raspadas para receber o nome, porque já vieram com seu nome do Orun, é o que se chama "amutorunwa". Acredita-se que essas crianças já estão consagradas para a vida e são especiais.

No culto aos Orixá, seja a nação que for, tem vários motivos para não raspar. Antes do ritual da iniciação, é preciso fazer a adivinhação para olhar qual o Orixá de cabeça e ainda saber se a pessoa já vem consagrada desde o orun ou não, ou seja, se deve passar pelo raspado ou não, caso seja: Ibeji, Abiku, Abiase, Dada, Ajayi, etc. Ou seja, aqueles

que Orixá diz que já vem com o nome, do mesmo jeito que as crianças iorubas, não precisam raspar sua cabeça.

Após, aquele que não foi raspado (seja da nação que for), se chegar ao grau de sacerdote, nos rituais de iniciação, ele não raspa e os seus filhos todos também não raspam porque foram iniciados desse jeito.

Então, tem casos nos quais, alguém que foi iniciado em qualquer nação sem raspado pelo motivo já falado, chegou ao grau de babalorixá, abriu seu terreiro e na sua linhagem não se raspa.

Outros motivos pelos quais não se raspa:

- 1) Aquele que já foi iniciado no culto ao Orixá, seja em qualquer nação com raspado da cabeça ou não, quando mudar de mão, não se raspa, pois ele já foi iniciado, não tem porque passar novamente pelo mesmo ritual duas vezes. Mas acontece que no Brasil muitas vezes por ignorância, quando chega alguém que foi iniciado em outra sem raspar, então, as casas que raspam acham que essa iniciação sem raspar não tem valia, e voltam a iniciar a pessoa.
- 2) Aquele que já foi raspado, se mudar de mão e passar para uma linhagem que não raspa, não tem porque se raspar. Mais como ele foi raspado na primeira vez, ele ou ela como babalorixá ou iyalorixá, na sua casa poderá consultar os Orixá para raspar ou não, pois tem pessoas que não devem se raspar pelo falado acima.
- 3) Aquele que não vai ser iniciado para o sacerdócio, e sim por saúde, não precisa ser raspado.
- 4) Quem receber Orixá por herança de algum parente que morreu, passa por uma iniciação sem raspar, pois, acredita-se que a ordem para a pessoa ter Orixá vem do orun.

5) Escravidão: Raspar ou não no culto do Orixá em terra ioruba tem a ver com a família ou linhagem. Em muitas linhagens da terra ioruba onde o fundador foi escravo ou teve um ancestre escravo, não se raspa, principalmente entre os Nagôs: Egba, Ekiti e Ijebu, pois o ato de raspar lembra o fato de ter sido escravo e é motivo de humilhação.

Era costume entre os Oyó raspar a cabeça dos escravos e fazer tatuagens, aqueles que voltavam livres para sua terra eram logo chamados "afarikola" (carecas com tatuagens).

O motivo para se tornar escravo em terra ioruba podia ser crimes contra a comunidade: roubo, assassinato, estupro, etc.

Mas houve um tempo no qual as nações estavam em guerra e as pessoas eram caçadas e escravizadas. Alguns poucos ficavam na terra ioruba, mas os outros eram vendidos aos portugueses, ingleses ou franceses.

No caso os escravos ganhar sua liberdade e voltar a sua terra recebiam nomes pejorativos como: "afarikola", "ajereke", "alaigbede", "aguda", "atoyobo".

Espero que a explicação tenha esclarecido porque se usa se raspar ou não.

SOBRE IYANSAN



O templo é de Iyansan divindade ioruba, mais ela é chamada também pelo apelido "Abesan", que quer dizer: "que possui nove" (abi-esan). O nome "Iyansan" vem de Iyamesan, "iya-mesan", "mãe de nove". Na cultura ioruba, a mãe que pariu dois filhos recebe o apelido de "iyabeji", quem teve tres "iyameta", e assim por diante.

Iyansan foi mulher do rei Onikoyi Anata, fundador do Reino de Adjace (Porto Novo). Foi também divinizado e é adorado entre os nagós como "Ogun Meje" ou "Ogun Avagan dji". "Adjace" é a deturpação do nome ioruba de Porto Novo, que vem de "Adja asegun ota ibi dile" (Lutamos vencendo o inimigo aqui vai ser nossa casa), daí vem "Adjase-Ile".

Iyansan é uma heroína que foi deificada. Viveu no Reino de Adjace (Porto Novo). Ela deu à luz nove crianças ao mesmo tempo, daí que as mulheres lhe pedem filhos.

Iyansan é cultuada aqui em Porto Novo e também nas proximidades. Acima uma foto do principal templo de Iyansan em Porto Novo, Rep do Benim, o mais importante em todo

o território ioruba (Nigeria, Rep do Benim, Togo). Aqui tem a berço do culto a essa divindade.

Iyansan também é chamada "Iya borimesan" (Mãe que tem nove cabeças), isso pelos nove filhos que deu à luz.

Os sacerdotes da Nigéria não trabalham com este Orixá, eles entregam Oya, que foi mulher de Xangô e seu culto principal é em Oyó. Iyansan quase sempre é mulher de Ogun, e é diferente de Oya.

Transcrição e adaptação por Luiz L. Marins (www.luizmarins.com.br), com autorização de Baba Omotobatala.